

POR UM ENSINO DA LÍNGUA EM MOVIMENTO



Imagine uma aula de língua portuguesa. O que vem à sua mente? Muito provavelmente você se lembrou de assuntos como conjugação dos verbos, ortografia, classificação sintática etc. Essas e outras questões de gramática costumam ser muito trabalhadas nas aulas de português (e também de outras línguas). Mas e a leitura e produção de textos escritos? E a prática da língua oral (fala e escuta)? Esses aspectos fundamentais na aprendizagem da língua muitas vezes ficam esquecidos, quando na verdade eles deveriam ser o foco das atenções na sala de aula. O estudo da gramática é muito importante, mas não pode ser a única e nem a principal preocupação no ensino e aprendizagem de uma língua.

As línguas são, antes de mais nada, instrumentos de comunicação entre os indivíduos. Por meio dela, comunicamos fatos, ideias, conceitos e sentimentos. Quando estudamos uma língua (seja ela materna ou não), precisamos ter em mente que esse é o objetivo fundamental do aprendizado: compreender e se expressar melhor, na fala e na escrita, em todas as situações em que precisamos usar aquela língua. Estudar a gramática é uma ferramenta que temos para conseguir manejar a

língua com mais facilidade, e assim utilizar todos os seus recursos para comunicar melhor as ideias.

Cada língua tem sua própria estrutura ou sistema de funcionamento, que é a sua gramática. Para saber falar e escrever uma língua, não precisamos conhecer a fundo sua gramática, mas seu estudo pode nos ajudar a melhorar nossa comunicação. É como se fosse um automóvel: não precisamos conhecer todas as peças, saber montá-las e desmontá-las para aprender a dirigir; mas se estudarmos mecânica automotiva, saberemos melhor como fazer a manutenção e poderemos aproveitar ao máximo o potencial do veículo.

A gramática que se estuda na escola é, geralmente, a chamada gramática tradicional ou gramática normativa. Essa gramática pretende dizer o que é “certo” e o que é “errado” na língua. Na verdade, ela apenas descreve a norma padrão, ou seja, um conjunto de regras socialmente bem visto e utilizado em situações formais de comunicação, como ao redigir um documento, por exemplo. O conhecimento da norma padrão é, sem dúvida, muito importante para que o indivíduo consiga circular nos meios letrados da sociedade, e por isso, é compreensível que a escola se preocupe tanto em ensiná-la. O problema está na maneira como normalmente se faz isso.

Baseando-se em um modelo de ensino conservador, muitos professores ainda acham que ensinar a língua é apenas ensinar a tal “língua correta”. Preocupam-se mais em fazer seus alunos decorar regras do que em levá-los a raciocinar, e dão mais atenção aos pormenores gramaticais do que à reflexão sobre a língua e as ideias que se podem expressar por meio dela. Essa forma de trabalhar é mais cômoda, pois assim não é necessário pensar muito – basta carregar sempre o mesmo velho livro de regras debaixo do braço, e reproduzir incansavelmente uma receita pronta de “aula de português” que já existe há séculos.

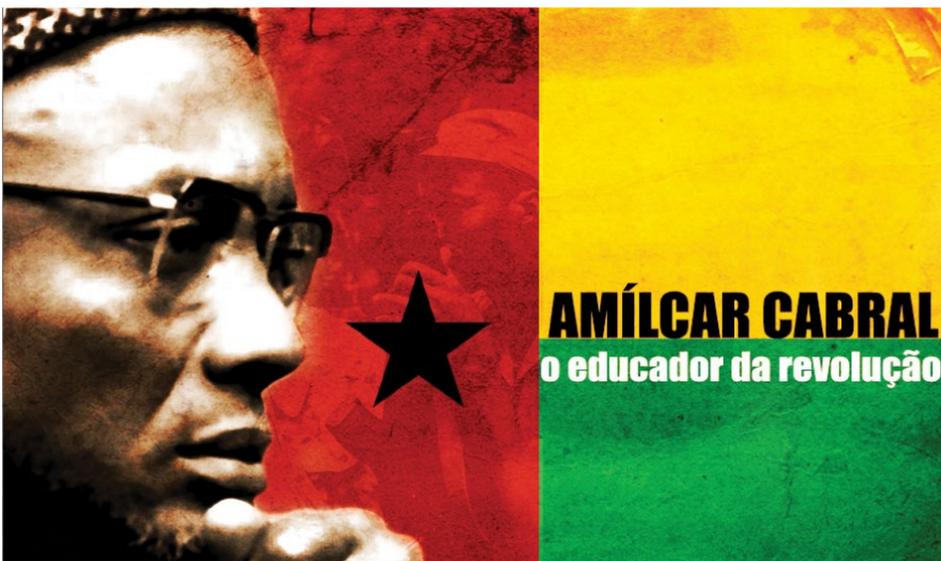
Entretanto, além de esse método tornar

a aula um tanto desinteressante, o resultado costuma não ser o esperado. Quando o aluno apenas decora e repete regras em frases soltas, sem contexto, está a prendendo a montar e desmontar um carro sem, no entanto, saber dirigir. Isso significa que ele pode até aprender a fazer complicadas classificações gramaticais e, contudo, ter muita dificuldade para compreender um texto ou escrever com coerência e clareza de ideias.

A maneira mais eficiente de aprender a norma é tendo contato com textos falados e escritos que a seguem. Muito melhor do que ficar decorando regras e exceções é pôr a língua em uso, ou seja, praticar: ler, ouvir, falar e escrever muito. Isso vale tanto para o aprendizado da própria língua materna quanto para segunda língua. Somente depois de ter contato com a língua viva – o texto – é que podemos dissecá-la para analisar seus sistemas internos de funcionamento, que são as regras gramaticais.

Embora a gramática seja um assunto muito interessante, ela deve ser estudada como um instrumento para aperfeiçoar o uso da língua, e não como o objetivo em si. De que adianta, por exemplo, saber classificar o sujeito da oração se a pessoa não consegue se expressar com clareza? Não faz sentido estudar mecânica para montar um carro, peça por peça, e deixá-lo parado num canto, sem nunca andar nele. Assim também, a língua não nos serve para nada se não tivermos nada para ouvir ou dizer, ler ou escrever nela. Precisamos, portanto, voltar nossa atenção para o texto (seja ele falado ou escrito), pois ele representa a língua em pleno funcionamento. O texto é a base de toda comunicação, e se desejamos aprender ou ensinar uma língua é porque queremos nos comunicar por meio dela.

por Vivian Borges Paixão
 Profa. Mestre em Letras Vernáculas (PQLP/CAPES)
 vpaixao91@gmail.com



Foi na luta armada que Timor-Leste conquistou sua independência, assim como outras ex-colônias de Portugal. O que existe em comum entre as histórias de Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique e Timor-Leste é a guerrilha, influenciada pela Revolução Cubana e pelas ideias de Marx, Lenin, Mao Tsé-Tung, Ho Chi Minh e outros líderes da esquerda revolucionária. O que aproxima Timor e Bissau não é apenas o fato de ambos terem sido colônias portuguesas, mas também uma ligação que hoje muitos jovens timorenses desconhecem: a luta pela libertação da pátria timorense tem fortes influências do guineense Amílcar Cabral (1924-1973). O guerrilheiro africano foi inspiração de leituras, estudos e debates para alguns dos principais pensadores da revolução de 1975.

O educador brasileiro Paulo

Freire chegou a tentar escrever uma biografia da práxis de Amílcar Cabral. Infelizmente, as entrevistas que Freire realizou com as pessoas ligadas a Cabral se perderam na Suíça, na ocasião de seu retorno ao Brasil, restando alguns poucos relatos. Freire afirma que “Amílcar Cabral esteve na gestação de todos os movimentos de libertação das ex-colônias portuguesas, desde o tempo que ele jovem ainda, estudava em Lisboa. O pedagogo da revolução encarnou perfeitamente o sonho de libertação de seu povo e os procedimentos políticos pedagógicos para a realização desse sonho.”

A ida de Amílcar Cabral com uma bolsa de estudos para Portugal, na década de 1950, foi um marco importante do início de sua trajetória política. O guineense participou da luta antifascista, sempre defendendo ativamente as ideias de libertação

das colônias africanas. Em 1952 regressa a Bissau, onde trabalha no posto experimental de Pessubé e realiza o recenseamento agrícola, o que viria a servir de base para a preparação da estratégia da luta armada. Anos depois, em 1956, cria o PAIGC (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde e Guiné-Bissau), em 1963 inicia a luta armada. Cabral manteve contatos com o comandante Ernesto “Che” Guevara em 1965 e com Fidel Castro em Escambray e Havana em 1966, para discutir pormenores da ajuda cubana ao PAIGC, numa altura em que o seu partido já controlava metade do território guineense.

Amílcar Cabral nunca esteve em Timor-Leste, mas seus escritos foram bastante utilizados em diversas reuniões de formação dos guerrilheiros e educadores daquela altura. O Ceforpol (Centro de Formação Política) e as reuniões de “esclarecimentos” da FRETILIN (Frente Revolucionária Timor-Leste Independente) eram espaços onde muitos debates políticos, militares e educacionais foram realizados inspirados nas ideias de Cabral. Outro fato importante a se recordar é o uso de um filme de produção cubana que foi exibido durante muitas formações políticas dos timores: “Amílcar Cabral – O pai da nação guineense” é uma síntese de suas ideias com imagens da luta armada no continente africano.

Da grande influência e contribuição que Amílcar Cabral exerceu na luta dos timores pela independência da pátria, temos o exemplo do jovem Vicente Reis (Sahe), nascido em Bucoli,

distrito de Baucau. Um dos mais importantes mestres da guerrilha, Sahe se inspirou em muitas das ideias deixadas por Cabral e ministrou incontáveis formações educacionais e políticas nas matas e montanhas timorenses, principalmente na região do Setor Centro-Leste. Embasando suas análises revolucionárias na teoria e na prática de Cabral e outros, o camarada Sahe lutou de forma heroica até o fim de sua vida, em 1979, bravamente combatendo o colonialismo e o imperialismo.

Amílcar Cabral foi assassinado em 1973, morreu sem saber que Portugal abandonou Timor e Indonésia o invadiu; não viveu para ver sua influência na luta do Povo Mau Bere. Ainda hoje muitos dos timores da guerrilha reconhecem a grandeza de seu legado, que não conhece fronteiras. Foi na luta armada que Timor alcançou a tão sonhada independência, mas será somente na sala de aula que alcançará a verdadeira libertação de seu povo. Em tempos de capitalismo selvagem, em plena era do Banco Mundial, a obra de Amílcar Cabral deveria ser revisitada como uma inspiração para debates políticos e educacionais. A luta contra o colonialismo e imperialismo não acabou, ela só começou. Hoje Timor-Leste não precisa mais de uma luta armada, o novo campo de batalhas será outro: a nova guerrilha deverá ser travada dentro das salas de aula

por Reinaldo de Souza Marchesi
 Prof. Mestre em Educação (PQLP/CAPES)
 reinaldomarchesi@hotmail.com